

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELISA DE MORAIS PASCHOAL

**CONHECIMENTO TRADICIONAL SOBRE O BOTO-VERMELHO (*Inia geoffrensis*)
NA REGIÃO DO LAGO AMANÃ, AMAZONAS**



CURITIBA

2010

ELISA DE MORAIS PASCHOAL

**CONHECIMENTO TRADICIONAL SOBRE O BOTO-VERMELHO (*Inia geoffrensis*)
NA REGIÃO DO LAGO AMANÃ, AMAZONAS**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio em Zoologia, Departamento de Zoologia, como requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Emygdio Leite de Araujo Monteiro-Filho

Co-orientadora: Dra. Miriam Marmontel

CURITIBA

2010

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão,

Ao Professor Emygdio, pela forma carinhosa com que apoiou este estudo e pela maneira doce e paciente ao esclarecer minhas dúvidas. Por todos incentivos e ensinamentos.

Por ter tido a oportunidade conhecer o paraíso e desenvolver este estudo, agradeço à Dra. Miriam Marmontel.

Ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, por todo apoio logístico.

Aos professores Cacá, Paulo de Tarso e Isabela, pelos incentivos.

À coordenação do curso, pelas orientações e apoio.

Ao querido amigo Bê mineiro, que me fez perceber o quanto as entrelinhas da vida são preciosas.

Aos meus pais e meu irmão, que apesar de não compreenderem, foram aos poucos apoiando essa iniciativa.

Aos amigos de Minas, amigos de ouro, amigos da Prata, Wesley, Fer e Helen, que mesmo com toda distância, não se esqueceram do quanto o “boa viagem” de um amigo é importante.

Ao querido Rodrigo, por todo amor e carinho.

Aos que pelo caminho me ajudaram a chegar no tão distante destino, que me acolheram: Fer e Ferzoca, Tata, Kedma, Diego, Max e Cris.

À Gleyce Anne, pela preocupação, cartas postadas, os tantos favores, e o enorme carinho.

Ao Luís e Antônio, pela companhia, por me guiarem pelos rios e igarapés.

Pelo cuidado, atenção e preocupação, Dona Deusa e Elcilene.

Minha eterna gratidão àqueles que escondem um sorriso tímido por entre os lábios e um olhar encantador, os moradores do lago Amanã. Eles que fizeram minha vida um tanto diferente. Que me fizeram compreender a leveza do tempo e a paz do vento. Aos contadores de estória, a cada família, a cada criança, que com seu jeitinho único se fizeram inesquecíveis em mim.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. MATERIAL E MÉTODOS	4
2.1 ÁREA DE ESTUDO	4
2.1.1 As populações ribeirinhas	8
2.2 PROCEDIMENTOS	10
3. RESULTADOS	11
3.1 CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS SOBRE BIOLOGIA E ECOLOGIA DO BOTO-VERMELHO	11
3.2 LENDAS, MITOS E CRENÇAS	17
4. DISCUSSÃO	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
ANEXO I - Roteiro utilizado nas entrevistas parcialmente estruturadas com ribeirinhos do lago Amanã	28
ANEXO II - Lendas, crenças e mitos relatados por ribeirinhos do lago Amanã.....	29

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Boto-vermelho da Amazônia (<i>Inia geoffrensis</i>).....	1
Figura 2 - Unidades de conservação estaduais de uso sustentável no Brasil	4
Figura 3 - Corredor Ecológico da Amazônia Central: reservas Mamirauá e Amanã e PARNA Jaú	5
Figura 4 - Imagens da região do lago Amanã, estado do Amazonas	6
Figura 5 - Fauna e flora características do bioma Amazônia.....	7
Figura 6 - “Comunidades” situadas nas margens do lago Amanã.....	9
Figura 7 - Localização das populações ribeirinhas na região do lago Amanã	9

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre as espécies de cetáceos fluviais que ocorrem na Amazônia 12
- Quadro 2** - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre o habitat utilizado pelo boto-vermelho..... 13
- Quadro 3** - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre o comportamento solitário ou em grupo do boto-vermelho 14
- Quadro 4** - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre o tamanho do boto-vermelho 14
- Quadro 5** - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre como é a respiração do boto-vermelho..... 15
- Quadro 6** - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre o comportamento reprodutivo, gestação e número de filhotes do boto-vermelho 16
- Quadro 7** - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre alimentação e interação do boto-vermelho com a pesca 17

1. INTRODUÇÃO

Entre as espécies de mamíferos aquáticos que habitam a América do Sul, o boto-vermelho (*Inia geoffrensis* de Blainville, 1817) é um cetáceo fluvial (**Figura 1**) que habita as bacias do Amazonas e Orinoco (BEST; SILVA, 1989; SILVA, 2008). No Brasil, é conhecido por boto, boto-vermelho ou boto cor-de-rosa; na Bolívia, Peru, Equador e Colômbia por bufeo colorado e na Venezuela por tonina e delfin rosado. Classificado na super família *Platanistoidea*, família *Iniidea*, o gênero *Inia* é considerado monoespecífico e três subespécies são reconhecidas atualmente: *Inia geoffrensis geoffrensis* que se distribui ao longo da bacia Amazônica com exceção do alto rio Madeira, *Inia geoffrensis boliviensis* que se restringe ao rio Madeira na Bolívia e *Inia geoffrensis humboldtiana* na bacia do Orinoco (BEST; SILVA, 1989).



Figura 1 - Boto-vermelho da Amazônia (*Inia geoffrensis*)

Fonte: www.marinespecies.org

O boto está associado a lendas e mitos da Amazônia e é conhecido popularmente por ser astuto e possuir poderes sobrenaturais. A lenda mais difundida é a que o boto transforma-se num homem bonito e elegante, que sempre usa chapéu, gosta de dançar, de beber cachaça e de seduzir as mulheres (SILVA, 2000).

Na Amazônia brasileira, as lendas associadas aos poderes sobrenaturais que conferem as partes do corpo do boto, levaram ao abate desses animais pela população nativa. Na Colômbia, é dito que esses animais não poderiam ser criados, pois se presos em cativeiros, lhes cresceriam pernas que possibilitariam sua fuga, ou então lhes cresceriam asas que os permitiriam voar para longe. Afirmam também que os botos podem sair da água e cantar melodias para seduzir os humanos e a pessoa que responde à canção pode ter distúrbios nervosos (LEATHERWOOD; REEVES, 2003).

Sentimentos de medo e temor estão associados à imagem do boto-vermelho e acredita-se que a pouca exploração desses animais pelas populações locais podem ser justificadas pelas lendas que os envolvem. No Equador e no Peru, superstições e tabus conferem proteção a estes animais, pois sobre aquele que mata um boto pode recair desgraças (LEATHERWOOD; REEVES, 2003).

Os registros de que os botos interagem com a pesca em toda a Amazônia mostram relação conflituosa entre o pescador e o boto. Para a população local, os botos atrapalham a pesca, roubam o alimento, e provocam danos aos materiais de pesca. Este fato é uma das principais causas da mortalidade desses animais que muitas vezes ficam presos às redes de pesca, já que o uso da carne como fonte de proteína não é difundida na região (ALIAGA-ROSSEL, 2003; SILVA, 2008). Entretanto, interações mutuamente benéficas podem ocorrer como no caso em que um boto acompanhava periodicamente um pescador e durante a pesca, afugentava os peixes predadores permitindo que os demais ficassem presos nas redes, beneficiando a pesca. Em contrapartida, o pescador lhe entregava alguns peixes (LAMB, 1954).

As informações, como lendas e mitos que as populações tradicionais possuem, são obtidas em decorrência do convívio contínuo com o meio ao longo de muito tempo (BOTTURA *et al.*, 1998). Dessa maneira, as observações levam à produção de conhecimentos e classificações sobre o meio em que vivem e estes são transmitidos oralmente de geração para geração (DIEGUES, 2000). Tais conhecimentos fornecem detalhes sobre os fenômenos naturais, animais e plantas que ocorrem no meio em que vivem como também detalhes sobre o desenvolvimento e uso de técnicas apropriadas para a caça, pesca e agricultura (MARQUES, 2001).

Estudos de etnobiologia e etnoecologia procuram entender como os diferentes grupos percebem e utilizam os recursos naturais do meio em que vivem para sobrevivência (BERLIN, 1992). As observações feitas por populações tradicionais e a sua visão de mundo geram um conhecimento que pode ser comparado ao conhecimento científico de ecologia (MARQUES, 2001).

Dessa maneira, estudos que investigam conhecimentos tradicionais podem levantar informações importantes sobre as interações e percepções das populações locais sobre o ambiente e os organismos. Neste sentido, a proposta deste estudo é desenvolver uma análise dos pontos de vista de populações amazônicas sobre o boto-vermelho.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 ÁREA DE ESTUDO

Este estudo foi desenvolvido na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA) criada pelo governo do estado do Amazonas através do Decreto-lei nº 19.021 de 04 de agosto de 1998. Possui cerca de 2.313.000 hectares e abrange os municípios de Maraã, Coari, Codajás e Barcelos (IPAAM, 1998; QUEIROZ, 2005) (**Figura 2**).

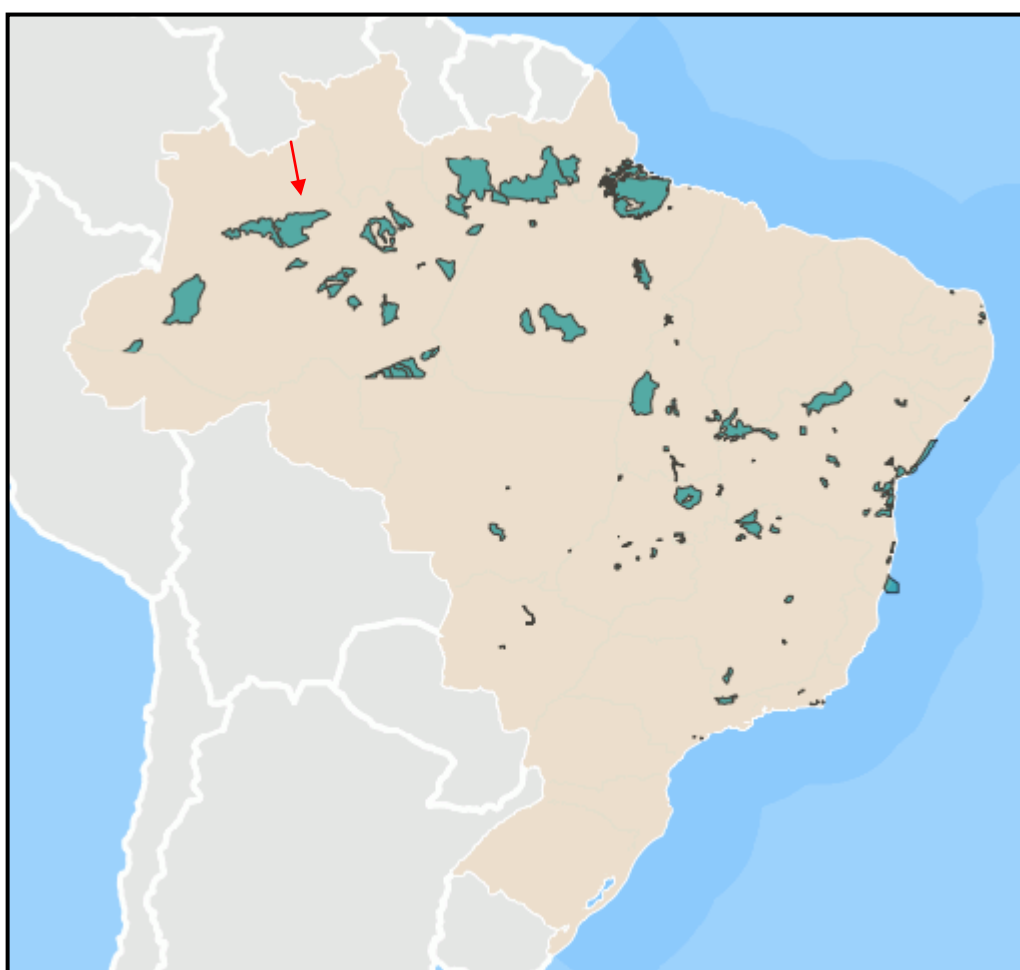


Figura 2 - Unidades de conservação estaduais de uso sustentável no Brasil. A seta indica a localização da Reserva Amanã, estado do Amazonas

Fonte: Ministério do Meio Ambiente, 2010

Na década de 1990, durante a elaboração do Projeto Corredores Ecológicos, a região Amanã foi identificada com um alto potencial para a criação de uma nova unidade de conservação e implementação do corredor central da Amazônia. Porém, a elaboração formal de um projeto para criação da reserva Amanã ganhou força em

1996, quando na V assembléia anual de moradores e usuários da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM), em que estavam presentes representantes da população local de Mamirauá, representantes de várias entidades e organizações de base regionais, de autoridades locais e de representantes do Ipaam. Nesta ocasião, moradores da região do lago Amanã manifestaram o interesse que naquela região fosse implantada uma reserva semelhante a RDSM (QUEIROZ, 2005).

A criação da RDSA permitiu a conectividade entre a RDSM e o Parque Nacional do Jaú (**Figura 3**), caracterizando um importante corredor ecológico na Amazônia Central (QUEIROZ, 2005). O PARNA Jaú também está conectado a outras quatro unidades de conservação: o Parque Estadual do Rio Negro/Setor Norte, Área de Proteção Ambiental da Margem Direita do Rio Negro, Área de Proteção Ambiental da Margem Esquerda do Rio Negro e Parque Estadual do Rio Negro/Setor Sul. As localizações destas quatro unidades contornam outra unidade de conservação, a Estação Ecológica de Anavilhanas. Sendo assim, a contigüidade destas oito unidades de conservação soma 7.808.151 ha e forma o maior bloco de florestas tropicais protegidas no mundo (QUEIROZ, 2005).

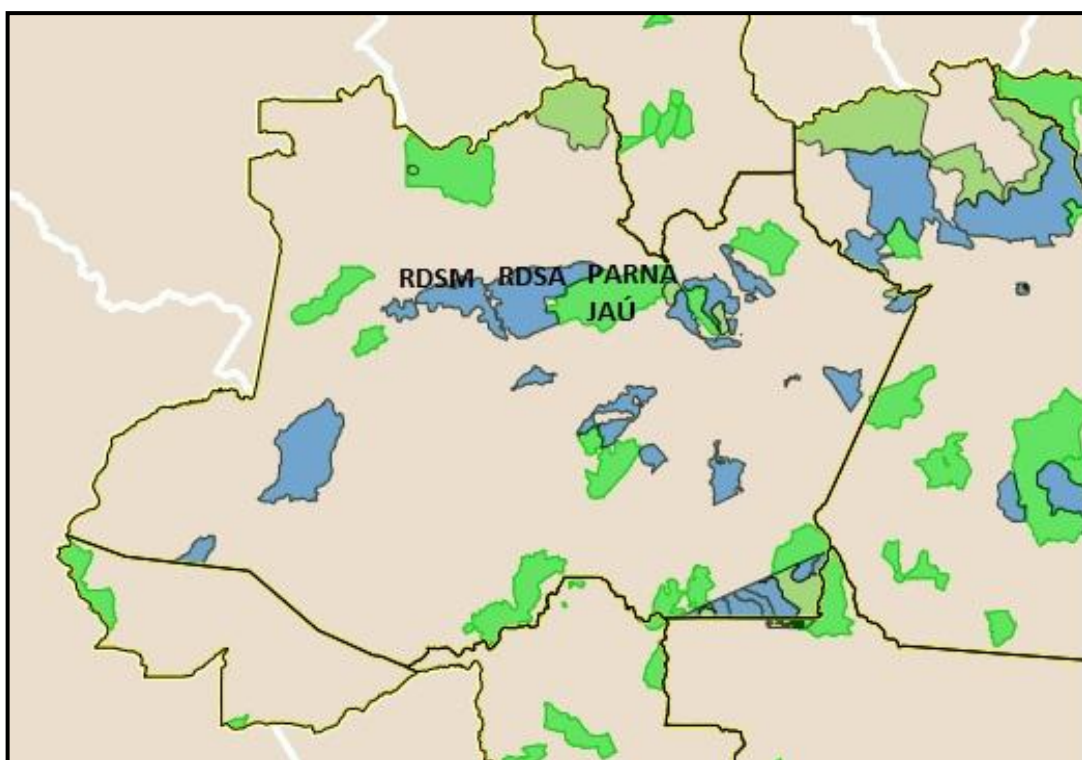


Figura 3 - Corredor Ecológico da Amazônia Central: Reservas Mamirauá e Amanã e PARNA Jaú
Fonte: Ministério do Meio Ambiente, 2010

A área da RDSA apresenta uma grande importância biológica, pois, por estar situada entre as bacias do rio Negro e do rio Japurá, no médio rio Solimões, sofre influência tanto de águas pretas quanto de águas brancas, respectivamente e apresenta ambientes muito representativos das mais diversas e importantes paisagens naturais amazônicas (AGUIAR, 2005). Todos esses ambientes estão em alto grau de integridade e podem ser considerados como representantes do bioma como um todo (QUEIROZ, 2005) (**Figura 4**).



Figura 4 - Imagens da região do lago Amanã, estado do Amazonas: A) O lago Amanã, com 45 km de comprimento, margeado por terra firme, no período da cheia; B) Igarapé do Baré no período da seca; C) Carauaçu, vegetação encoberta pelas águas no período da cheia; D) Mancha de campinarana no período da cheia, lago Urini

O lago Amanã possui 45 km de extensão e 2 a 3 km de largura. As extensas matas de terra firme são predominantes nos dois lados. Áreas de várzea são observadas a sudoeste e sul do lago, com uma pequena porção de igapós ao longo de suas margens e grandes manchas de campinarana podem ser observadas entre às grandes extensões de terra firme. Possui uma fauna e flora ricas e características de ambientes alagáveis (**Figura 5**). Em sua fauna destacam-se o uacari-preto

(*Cacajao melanocephalus*), o jacaré-açu (*Melanosuchus niger*), jacarétinga (*Caiman crocodilus*), o peixe-boi (*Trichechus inunguis*), o boto-vermelho (*Inia geoffrensis*), o tucuxi (*Sotalia fluviatilis*), a onça-pintada (*Panthera onca*), o gavião-real (*Harpia harpyja*) e o pirarucu (*Arapaima gigas*) (QUEIROZ, 2005).



Figura 5 - Fauna e flora características do bioma Amazônia

A variação do nível da água é um aspecto importante na RDSA como em toda a Amazônia, pois este processo interfere tanto na vida dos organismos aquáticos, quanto no ambiente como um todo. Na região do lago Amanã, o nível da água varia em média 8 metros entre um período e o outro, sendo a estação das chuvas mais extensa que a estação seca, com picos em junho e outubro, respectivamente (CALVIMONTES, 2009).

2.1.1 As populações ribeirinhas

A gestão da reserva Amanã com base na categoria legal de reserva de desenvolvimento sustentável permite a residência da população local na área e sua participação no manejo sustentável dos recursos naturais, bem como sua participação na proteção e administração, como prevê alguns objetivos citados em seu decreto de criação, conforme transcrito a seguir:

“Promover o desenvolvimento sustentável das populações que habitam a área da reserva, garantir a proteção dos recursos ambientais e sócio-culturais existentes na área, promover a realização das pesquisas relativas a modelos de desenvolvimento sustentável e estabelecer mecanismos que facilitem às próprias populações o exercício das atividades de fiscalização e proteção dos recursos naturais” (IPAAM, 1998)

Com uma densidade demográfica baixa, a população total atinge cerca de 4000 habitantes e é formada por caboclos amazônicos e arigós (nordestinos que migraram para esta região no início do século XX) (QUEIROZ, 2005; Calvimontes, 2009). A organização política das populações residentes iniciou-se na década de 1970 por meio da igreja, que promovia e incentivava a formação de lideranças comunitárias e a criação de assentamentos organizados. Na década de 1980, as vilas e sítios foram denominadas "comunidades" (**Figura 6**) (AGUIAR, 2005). Atualmente, a principal atividade de subsistência desenvolvida é a agricultura, seguida pela caça, pesca e extrativismo (PEREIRA, 2006).

As populações foco do estudo estão localizadas no Setor Amanã da RDSA, nas margens do lago Amanã: 1) Santa Luzia do Baré; 2) Boa Esperança; 3) Bom Jesús do Baré; 4) Ubim; 5) Santo Estevão; 6) Vila Nova e 7) Belo Monte (**Figura 7**).



Figura 6 - “Comunidades” situadas nas margens do lago Amanã

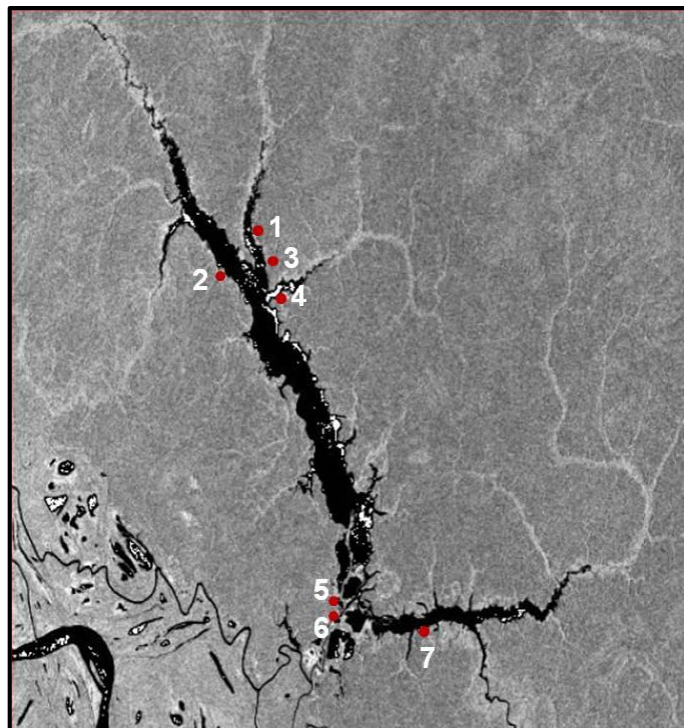


Figura 7 - Localização das populações ribeirinhas na região do lago Amanã

Fonte: Instituto Mamirauá

2.2. PROCEDIMENTOS

O estudo foi realizado entre os meses de julho e dezembro de 2009. Nos meses de julho e agosto, as atividades foram dedicadas a visitas às populações tradicionais, com o objetivo de conhecer os moradores, construir uma relação de confiança, aprender a linguagem local, facilitar a comunicação, observar os modos de vida e características locais para que um roteiro de entrevista pudesse ser elaborado. Nos meses seguintes, as visitas foram marcadas e o objetivo do estudo foi explicado a cada um dos entrevistados.

Para conhecer qual a relação entre ribeirinhos e o boto-vermelho e verificar quais os conhecimentos específicos das populações tradicionais sobre a biologia e ecologia deste animal, utilizei o método de entrevista com base em um roteiro parcialmente estruturado (**Anexo 1**) (cf. VIETLER, 2002).

Este método permite flexibilidade na comunicação entre o pesquisador e o entrevistado, possibilitando um diálogo aberto em que a linguagem local é utilizada e informações culturais peculiares do informante, não contidas no roteiro, podem ser registradas. Itens a respeito da biologia e ecologia do animal compuseram o roteiro parcialmente estruturado e, lendas, mitos e crenças também foram registrados. As entrevistas foram gravadas em gravador manual, com permissão prévia de cada entrevistado.

Foram entrevistados 19 moradores, homens e mulheres, acima de vinte anos. Assim procurei obter o conhecimento geral da população moradora do lago Amanã, não havendo preferência por classe específica, como pescador ou agricultor. Espontaneamente, os entrevistados indicavam outros moradores quando estes tinham conhecimentos e histórias relacionadas ao animal para contar, procedimento este conhecido “como bola de neve” (CARVALHO, 2002).

Os dados obtidos foram transcritos e analisados qualitativamente por meio de quadros comparativos, ou tabelas de cognição (COSTA-NETO; MARQUES, 2001). Nos quadros, as informações obtidas nas entrevistas puderam ser comparadas com as informações disponíveis na literatura científica. Todavia, tal comparação não tem o intuito de julgar qual conhecimento é “certo ou errado”, mas sim apresentar informações sobre a biologia e ecologia do boto-vermelho através de prismas diferentes.

3. RESULTADOS

A primeira etapa do trabalho foi importante para que eu me aproximasse dos ribeirinhos e para que eles confiassem em mim. Por estagiar junto ao projeto Peixe-boi-Amazônico do IDSM, paralelamente a execução deste estudo, os moradores sabiam que eu era estagiária e não pertencia a nenhum órgão de fiscalização. É de comum acordo entre as populações locais que todos os trabalhos de pesquisa a serem realizados devem ser esclarecidos pelo pesquisador e permitido previamente pelos moradores. Dessa maneira, antes de realizar as entrevistas, obtive a permissão dos moradores ao esclarecer qual seria o objetivo do trabalho e também que a participação deveria ser espontânea.

Esta experiência inicial interferiu de maneira positiva no nosso convívio e no momento da realização das entrevistas, já que os entrevistados sempre estiveram muito interessados em compartilhar comigo seus conhecimentos, me recebendo em suas casas de maneira muito amigável.

As conversas foram sempre descontraídas e o uso do gravador não causou timidez nos entrevistados. Grande parte das informações foram obtidas espontaneamente, sendo o roteiro utilizado nos momentos em que alguns itens não haviam sido abordados pelo entrevistado.

Durante as conversas, notei grande interesse dos comunitários em ressaltar as lendas e fatos ocorridos entre eles e o boto-vermelho. Entretanto, foi possível perceber que alguns entrevistados falaram sobre este assunto com cautela e receio.

Os dados obtidos por meio das entrevistas foram organizados em dois itens: Conhecimentos específicos sobre biologia e ecologia do boto-vermelho; e Lendas, mitos e crenças relacionadas ao boto-vermelho.

3.1 CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS SOBRE BIOLOGIA E ECOLOGIA DO BOTO-VERMELHO

Para os ribeirinhos existem na região do lago Amanã mais de um tipo de boto, distinguíveis pela coloração e morfologia do corpo. Ao todo 73,6% dos entrevistados (n=14) disseram existir três tipos, o boto-vermelho, o boto-roxo e o tucuxi, enquanto 21% (n=4) disseram que existem apenas dois tipos, o boto-vermelho e o tucuxi. Apenas 5% (n=1) disse existir mais de três tipos de botos

classificando-os pela graduação da cor roxa. Os que reconhecem três morfos, dizem que o boto-roxo é igual ao vermelho quanto ao formato do corpo, no entanto, sua cor é igual a do tucuxi (**Quadro 1**).

Quadro 1 - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre as espécies de cetáceos fluviais que ocorrem na Amazônia

Assunto	Conhecimento Tradicional	Conhecimento Científico
Existem quantos tipos de boto?	<i>“Tem o tucuxi, tem aquele vermelhão e tem o roxo. O roxo parece com o vermelho, mas ele é quase da cor do tucuxi.”</i>	<i>“Inia é distinguido de Sotalia, por ter tamanho maior e por apresentar variação na coloração do cinza ao rosa, que pode estar relacionada à idade, sexo, temperatura da água e possivelmente pela localização geográfica.” (BEST; SILVA, 1989).</i>
	<i>“Só o tucuxi e o vermelho. Só os dois. Que eu saiba é.”</i> <i>“Eu conheço, o vermelho, um roxinho bem roxinho, e outro mais escuro que o vermelho. E tem o tucuxi. Do boto, tem três qualidade, mas é tudo boto.”</i>	<i>“Dois tipos de golfinhos fluviais habitam a Amazônia: a espécie obrigatoriamente de água doce, Inia geoffrensis, e a espécie facultativa de água doce, Sotalia fluviatilis.” (LEATHERWOOD; REEVES, 1997)</i>

Cem por cento dos entrevistados (n=19) dos entrevistados disseram que o boto-vermelho vive em lagos, paranãs (canal que liga dois rios), igarapés (canal natural estreito) e igapós (trecho de floresta inundável no período da cheia). Durante a seca habitam prioritariamente os ambientes mais profundos (lagos), já que os outros ambientes aquáticos tornam-se muito rasos e não propícios para o deslocamento destes animais. Todavia, 10,5% dos entrevistados (n=2) disseram que é possível encontrar boto-vermelho vivendo em poços existentes nos igarapés durante a seca (**Quadro 2**).

Quadro 2 - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre o habitat utilizado pelo boto-vermelho

Questão	Conhecimento Tradicional	Conhecimento científico
Onde o boto-vermelho vive?	<p>“No lago eles ficam mais quando tá cheio. Tem boto vermelho e tucuxi no lago, no paranã e no igarapé. Agora, o “boto tucuxi” ele num entra no igapó não. Esse vermelho ele vai embora no igapó, vai lá pra dentro pegar peixe. Segundo o que eu já ouvi falar é que esse tucuxi ele não tem junta né pra fazer as manobra no igapó. E esse boto vermelho não, ele dá volta de todo jeito.”</p> <p>“Quando tá cheio eles vão pro igarapé, às vezes seca e eles ficam no poço. Quando enche, eles começam a andar no rio. No baixo, eles encaham. Assim num tempo desse (seca), lá em cima no igarapé, pode ir que num vê não, agora quando ta cheio eles vão embora.”</p> <p>“O boto mora mais no lago. No igarapé é mais difícil, mas tem também. Num entra muito lá em cima não. Quando tá cheio entra no igapó, fura a malhadeira lá dentro do igapó. O roxo não entra no igapó, ele gosta de igarapé. Lá pelo Baré a gente vai assim e encontra aqueles poço, lá está o boto roxo boiando.”</p>	<p>“<i>Inia</i> está largamente distribuído ao longo das bacias Amazônica e do Orinoco. Ocorre em uma variedade de habitats: rios, canais, lagos, florestas de várzea, rios de correnteza forte. Pode ficar restrito aos canais profundos ao longo dos períodos de pouca água. No período de muita água, pode ser encontrado ao longo das áreas de florestas inundadas. <i>Sotalia</i> ocorre em simpatria com <i>Inia</i>, porém é restrito aos lagos e canais de rios.” (BEST; SILVA, 1989).</p> <p>“Vértebras cervicais não fundidas permitem o movimento da cabeça em todas as direções. Embora tenha características que restringem a velocidade durante a natação, elas permitem que o boto faça manobras entre as árvores e a vegetação submersa, para procurar comida na floresta alagada.” (BEST; SILVA, 1989).</p> <p>“Durante a estação seca, os golfinhos estão concentrados ao longo dos canais de rios, enquanto que durante a estação inundada, habitam igapós e áreas de várzea.” (MARTIN; SILVA, 2003).</p> <p>“Existe preferência dos golfinhos por confluências entre rios, lagos e remansos. Na época de cheia, entram nas florestas inundadas e pequenos tributários em busca de alimento.” (ALIAGA-ROSSEL, 2003).</p>

Apesar de dizerem que o boto-vermelho é um animal que vive em grupo com mais de dois ou três indivíduos (100%; n=19), 31,5% dos ribeirinhos (n=6) complementaram ainda que é muito difícil encontrar o animal sozinho, mas 10,5% (n=2) afirmam que esses animais também podem viver solitários (**Quadro 3**).

Quadro 3 - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre o habitat utilizado pelo boto-vermelho

Questão	Conhecimento tradicional	Conhecimento Científico
O boto-vermelho vive sozinho ou em grupo?	<p><i>“Até duvido boto-vermelho andar só de um. Anda não. Tucuxi é do mermo jeito, anda de cardume, bando. O vermelho quando cê vê bóia um, num demora, bóia dois, três.”</i></p> <p><i>“Eles anda de grupo, mais é de grupo. De quatro, de seis. Difícil vê de um só.”</i></p> <p><i>“Boto anda de um, de dois, de muitos.”</i></p>	<p>“O boto é predominantemente solitário. Também é observado em pares, ou em pequenos grupos de dois a três indivíduos. Grandes grupos não são comuns, embora existam vários relatos sobre animais temporariamente agregados em baías e em curvas de rios e de canais, em embocaduras de tributários, e em volta de barcos ancorados” (SILVA, 2008).</p>

Quanto ao tamanho, 37% dos ribeirinhos (n=7) acreditam que o boto-vermelho é um animal grande, mas não estimaram seu comprimento. Parte dos entrevistados estimou que este animal mede entre dois e três metros de comprimento (42%; n=8), enquanto poucos (10,5%; n=2) estimaram medir cerca de um metro e meio; outros acham que estes animais podem medir até cinco metros (10,5% ; n=2) (**Quadro 4**).

Quadro 4 - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre o tamanho do boto

Questão	Conhecimento tradicional	Conhecimento científico
Qual o tamanho do boto-vermelho?	<p><i>“Der me defenda... bicho desse é grande.”</i></p> <p><i>“Rapaiz tem deles que dá quase três metros. Dois e meio por ai dá. Pesa muito.”</i></p> <p><i>“Tem uns cinco metros, tem boto grande.”</i></p> <p><i>“Um vermelho e o roxo mede acho que um metro e meio.”</i></p>	<p>“O boto é o maior golfinho de rio, com macho atingindo comprimento máximo de 255 cm e 185 kg e fêmeas 215 cm e 150 kg.” (SILVA, 2008)</p>

Segundo os entrevistados (95%; n=18), o boto-vermelho respira quando bóia na superfície da água, durante o “esturro”; assemelham-o ao peixe-boi, porém os diferem dizendo que o boto tem apenas um orifício para respiração localizado na cabeça. Apenas um dos entrevistados não comentou como o boto respira (**Quadro 5**).

Quadro 5 - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre como é a respiração do boto-vermelho

Questão	Conhecimento tradicional	Conhecimento científico
O boto-vermelho respira?	<p><i>“Esse esturro é pra respirar. É que nem o peixe-boi, ele enche o pulmão e depois ele desce. Aquele buraco é o nariz dele.”</i></p> <p><i>“Naquela boiada dele, ele tem um buraco assim desse tamanho. E aquele buraco tem uma tampa, quando ele bufa assim “berrr”, aquilo tampa a água. Que nem o nariz do peixe boi, justamente, só que o do boto é só um. Aquele vermelho às vezes ele bóia chega a fazer “beeeeer” e espirra assim da moda dum catarro. Isso aí tudo sai por aquele buraco.”</i></p>	<p>“O boto projeta sua cabeça fora d’água, mostrando o longo rostro até o pescoço, e imediatamente após respirar, mergulha com a cabeça para baixo, arqueando o corpo” (SILVA, 2008).</p> <p>“A fenda respiratória é côncava em direção à caudal” (BEST; SILVA, 1989).</p> <p>“Os cetáceos possuem a fossa nasal dorsalmente (orifício respiratório) que permite os animais respirarem facilmente enquanto nadam” (REYNOLDS III <i>et al.</i>, 2000¹ <i>apud</i> BAREZANI, 2005).</p>

O período reprodutivo é conhecido pelos ribeirinhos como “vadia”, momento em que muitos machos ficam “abestados” (ato de cortejar) ao redor de uma única fêmea (73,6%; n=14).

Para 26,3% (n=5) dos entrevistados, a gestação do boto é igual a do peixe-boi; outros disseram que a “bota carrega o filhote na barriga” (63,1%; n=12); poucos entrevistados não deram informações sobre o tema (10,5%; n=2).

Em relação ao número de filhotes, os ribeirinhos disseram que a bota tem apenas um filhote por gestação (31,5%; n=6), igual ao peixe-boi (47,3%; n=9); 21,0% (n=4) dos entrevistados não disseram sobre o assunto (**Quadro 6**).

¹ REYNOLDS III, J. E. WELLS, R. S. e EIDE, S.D., 2000. **The bottlenose dolphin: biology and conservation.** University Press of Florida, 15 Northwest 15th Street. p.288.

Quadro 6 - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre o comportamento reprodutivo gestação e número de filhotes do boto-vermelho

Questão	Conhecimento tradicional	Conhecimento científico
Comportamento reprodutivo, gestação e número de filhotes do boto-vermelho.	<p><i>“Na vadia eles ficam de muito. E eu acho que é na vadia, que vira de bucho pra cima, e fica uns por cima do outros, de muito que eu já vi”.</i></p> <p><i>“Dá pra diferenciá o boto da bota sim, porque a bota quando ela tá com o filho ela não abandona o filho não; o filho bóia perto dela, acompanha ela todo o tempo. Carrega o filho na barriga. Ele mama, é que nem o peixe-boi mermo. Num sei quanto tempo ele fica na barriga.”</i></p> <p><i>“Eu vejo dizer que o boto é que nem o peixe boi. Carrega o filho na barriga, mas num sei o peixe boi carrega o filho onze meses, o boto acho que é nove. Acompanha a mãe e mama assim que nem o peixe-boi. A mama é de baixo do braço também.”</i></p> <p><i>“Dá um filho só, pelo que eu tenho visto. É que nem o peixe-boi mermo.”</i></p> <p><i>“Sobre esse assunto aí eu não sei lhe falar não, que eu tenho até medo de boto, num gosto nem de falar do nome dele.”</i></p>	<p>“Grandes concentrações podem ser observadas em curvas de rios onde há altas concentrações de peixes, ou no período reprodutivo para efeitos de acasalamento” (SILVA, 2008).</p> <p>“Fêmeas dão a luz a um único filhote, e a duração da gestação é de aproximadamente 10.7 a 11.2 meses. As fêmeas podem ser prenhas e lactantes simultaneamente, embora isso não seja comum para várias espécies de mamíferos. Evidências de que a lactação pode durar mais de dois anos, sugere que o intervalo mínimo entre nascimentos é de três anos” (SILVA, 2008).</p> <p>“A gestação dura de 10 à 11 meses e filhote nasce com aproximadamente 79.4 +/- 3cm. A lactação pode durar mais que um ano” (BEST; SILVA, 1989) .</p>

Os ribeirinhos afirmam que o boto-vermelho é um animal que se alimenta de peixes a qualquer hora do dia (100%; n=19) e enquanto filhote, alimenta-se de leite materno (47,3%; n=9) e tem os mesmos hábitos que filhotes de peixe-boi (31,5%; n=6). Somente 21% (n=4) dos entrevistados não opinaram.

Para os ribeirinhos, o boto-vermelho interfere negativamente na pesca por competir pelo alimento e por provocar prejuízos econômicos. Ao retirar o peixe da “malhadeira” (rede de pesca), o boto-vermelho não só compete com o ribeirinho pelo alimento, como estraga o utensílio de pesca. Ao “rebojar” (barulho e movimento na água quando o boto nada próximo à superfície) embaixo da canoa, o boto-vermelho “afungenta” (espanta) o peixe que o pescador está preparando para “arpoar” (100%; n=19) (**Quadro 7**).

Quadro 7 - Citações dos ribeirinhos da região do lago Amanã entrevistados entre setembro e dezembro de 2009 na RDSA e citações da literatura científica sobre alimentação e interação do boto

Questão	Conhecimento tradicional	Conhecimento científico
Alimentação e interação do boto vermelho com a pesca	<p><i>“Gosta do peixe, de furar uma malhadeira.”</i></p> <p><i>“O boto é qualquer hora ele come. O bicho que mais estraga a malhadeira da gente aqui é o boto. Bota a malhadeira novinha, quando tu, num da fé, o boto leva, estraga.”</i></p> <p><i>“Do meu conhecimento ele come só peixe, não sei se come outra coisa. Come qualquer hora do dia, e se tiver peixe na malhadeira ele vai lá. É um prejuízo. Ele tira o peixe da malhadeira, mas num é tão ruim quanto o jacaré.”</i></p> <p><i>“O boto é uma peste, com certeza. Porque rasga a malhadeira, come o peixe da malhadeira e bagunça tudo. O vermelho é o que arromba a malhadeira. Eu acho que come só peixe. Tendo peixe ele come toda hora, num tem hora não.”</i></p> <p><i>“O boto só atrapalha na pescaria. Tá ajeitando pirarucu, qualquer peixe, num demora ele vem pulando de lá.”</i></p>	<p>“O boto se alimenta de grande diversidade de espécies de presa, variando de pequenas espécies até grandes peixes-lisos ou bagres com mais de um metro de comprimento. O boto pode pescar nos canais de rios, nas planícies e florestas alagadas. Os botos também comem pequenas tartarugas e caranguejos.” (SILVA, 2008)</p> <p>“O boto é ativo dia e noite. Alimenta-se de mais de 43 espécies de peixes pertencentes a 19 famílias.” (SILVA, 2008)</p>

3.2 LENDAS, MITOS E CRENÇAS

Crianças e adultos têm medo do boto-vermelho, pois acreditam que alguns desses animais podem ser encantados. Para algumas pessoas, o boto gosta de “malinar” (assustar, fazer o mau) os ribeirinhos. Estes animais perseguem as embarcações e rebojam ao redor das canoas, assustando os navegadores dos lagos, rios, paranãs, igarapés e igapós. Alguns dizem que para espantar o boto das proximidades das embarcações basta jogar um pouco de farinha de mandioca na água ou então usar um pano vermelho que ele pára de “perseguir” a embarcação.

Além de malinar, o boto-vermelho pode perseguir uma pessoa, encantá-la e levá-la para fundo da água. Quando perseguida, a pessoa fica “abestada” (inconsciente, sem saber o que está acontecendo). Segundo os ribeirinhos, existe uma cidade encantada dos botos, muito bonita e que fica localizada no fundo das águas. Dizem que um curandeiro, morador da região, sempre visita a cidade e diz

conseguir levar para conhecê-la aqueles que tiverem coragem, porém nesta cidade não se pode comer nenhum alimento que é oferecido, senão a pessoa se encanta e não pode mais voltar para a terra.

Acreditam na existência de espíritos de boto-vermelho que assombram os vivos. Esses espíritos perseguem algumas pessoas a fim de utilizar o seu corpo, chamado por eles de aparelho e sobre essas pessoas geralmente recai um mal-estar e forte dor de cabeça.

Da mesma maneira, quando uma pessoa mata um boto-vermelho e este é encantado, é provável que sobre ele recaia males e doenças.

Para curar aqueles que são perseguidos por espíritos de boto-vermelho encantado, ou aqueles que sofrem com as conseqüências por tê-lo matado, é necessário que um rezador ou “curador que pegue cabocos” (pessoa capaz de receber espíritos em seu corpo) reze nele e por ele. O trabalho realizado pelo curador para salvar a vida dessas pessoas, geralmente envolve o uso de cachaças, fumos e banhos feitos com plantas.

Alguns relatam que o boto-vermelho se transforma em gente, sobe em terra e seduz as mulheres. É um homem alto, branco, que usa chapéu e gosta de tomar cachaça.

Dizem ser comum escutar “canoada de gente” (embarcação do tipo canoa com muitas pessoas) pelo lago Amanã, ouvir risadas e ao verificarem, avistam somente botos-vermelho boiando.

Pelo fato de terem medo do mal que acomete àqueles que matam boto-vermelho e por ser considerado “pitiú” (aquele que tem cheiro forte; nojento), o boto-vermelho não é utilizado como recurso alimentar pelos moradores do lago Amanã. Alguns moradores do vilarejo de Boa Esperança já comeram carne de boto-vermelho quando um animal ficou preso e morreu na malhada.

O órgão reprodutor masculino pode ser utilizado para curar doenças cardíacas e males que acometem as crianças. Todavia, os ribeirinhos não têm o hábito de matar os animais para retirar alguma parte do corpo.

Os ribeirinhos reconhecem que o boto-vermelho é amigo do peixe-boi. Dizem que o boto-vermelho avisa ao peixe-boi quando um pescador está preparando para pescá-lo e ao entender a mensagem do boto-vermelho, o peixe-boi foge.

Dentro da água, não tem como distinguir boto macho e fêmea, no entanto fora da água, os ribeirinhos dizem que o corpo de uma fêmea é igual ao de uma mulher. Relataram que alguns homens sentem-se estimulados sexualmente pela bota e podem até matar o animal para ter relação sexual com ela.

Lendas, crenças e mitos foram relatados pelos ribeirinhos durante as entrevistas e podem ser lidos no Anexo 2.

4. DISCUSSÃO

O método de entrevistas pode gerar desconfiança nos entrevistados quanto ao uso de gravador e câmera fotográfica, e influenciar a coleta de dados (VIETLER, 2002). Contudo, este tipo de interferência não foi detectada em meu estudo, provavelmente pelo fato de que o período inicial, dedicado a conhecer e conviver com os ribeirinhos e ser também estagiária do projeto peixe-boi-amazônico, foi muito importante para que eles confiassem em mim. Desse modo, ao realizar as entrevistas, não fui confundida com representantes de órgãos de fiscalização e o uso do gravador não provocou desconfiança nos entrevistados.

Foram identificados três tipos de cetáceos na região do lago Amanã: o tucuxi, o boto-roxo e o boto-vermelho. O boto-roxo é assemelhado ao tucuxi quanto à cor, porém quanto à forma, é associado ao boto-vermelho. De acordo com a literatura, dois tipos de cetáceos habitam os rios da bacia Amazônica, o tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) e o boto-vermelho (*Inia geoffrensis*) (BEST; SILVA, 1989; LEATHERWOOD; REEVES, 2003; ALIAGA-ROSSEL, 2003). O fato dos entrevistados distinguirem dois tipos de boto (*I. geoffrensis*) pela cor está associado à característica que estes animais possuem de sofrerem mudanças graduais no padrão de coloração do corpo ao longo da vida. Essa variação no padrão de coloração pode estar relacionada à idade, sexo, temperatura da água e localização geográfica (BEST; SILVA, 1989). Segundo Silva (2002), fetos, recém-nascidos e animais jovens são cinza escuro enquanto juvenis e subadultos apresentam uma coloração intermediária entre o cinza e o rosa; indivíduos adultos são completamente rosados.

Na região do lago Amanã o deslocamento dos botos acompanha a sazonalidade do nível da água, e segundo os moradores, durante a seca os animais ficam concentrados no lago e durante a cheia exploram os lagos, igarapés, igapós e paranãs. O habitat utilizado pelo boto é sim determinado pelo ciclo de águas e consequentemente pela disponibilidade de alimento. Durante a estação seca, com o nível baixo de água, os animais concentram-se ao longo dos canais profundos de rios, enquanto que na cheia, o nível da água se eleva e os botos habitam planícies alagadas e florestas inundáveis (MARTIN; SILVA, 2003). O boto-vermelho possui características anatômicas que o possibilitam realizar uma série de torções, rotações e curvas no corpo. Tais características diminuem a velocidade durante a natação,

todavia, permite que o animal faça manobras e se desvie da vegetação na floresta inundada ao buscar o alimento (BEST; SILVA, 1989; SILVA, 2008).

Os entrevistados observam pouco o boto-vermelho vivendo solitário. Para eles, o boto-vermelho vive sempre em grupos de 2, 3 ou mais animais, e durante o período reprodutivo são observados em grandes grupos. Em estudo realizado entre Manaus e Tefé, 81% dos botos avistados eram solitários e somente 3% das observações eram de animais em grupo com quatro ou mais indivíduos; levantamentos feitos entre Manaus e Tabatinga, 69% foram de animais solitários e 3% de animais em grupo com quatro ou mais indivíduos (BEST; SILVA, 1989).

Em levantamentos feitos em Leticia, na Colômbia, 58% dos animais avistados eram solitários ao passo que 14% das observações foram de animais em grupos com quatro ou mais indivíduos (BEST; SILVA, 1989). Segundo da Silva (2008), 60% a 80% dos botos avistados são solitários; de 12% a 26% são observados aos pares. No alto Amazonas, os grupos tem em média 3 indivíduos. Na Venezuela, no rio Apure, os grupos de botos com dois ou mais indivíduos chegam a cerca de 60% das observações. Entretanto, no Peru, na região de Tipishca Del Samiria, a maioria dos botos observados eram animais solitários e os grupos tem em média dois indivíduos (SILVA, 2008).

Esta aparente diferença entre a literatura científica e o conhecimento das populações estudadas pode estar associada à variações na estrutura populacional dos animais estudados em diferentes localidades e daqueles do lago Amanã, ou então à diferença de visão resultante de uma observação científica visando ao conhecimento com um prisma biológico e a visão das populações tradicionais resultante da vivência diária sem qualquer necessidade de precisão, mas que pode ser bem precisa.

Por meio de suas observações diárias os ribeirinhos sabem que o boto é um animal grande. Em geral, estes animais são observados quando emergem na superfície ou quando ficam presos na rede de pesca. Segundo a literatura, machos podem chegar a medir 255 cm e as fêmeas 196 cm (BEST; SILVA, 1989).

Os ribeirinhos comparam algumas características biológicas do boto-vermelho com outro mamífero aquático existente na região, o peixe-boi-amazônico (*Trichechus inunguis*). O conhecimento dos moradores locais sobre as características biológicas do peixe-boi pode ser explicado pelo histórico de caça do

animal na região, pelo fato de estarem envolvidos com o Projeto Peixe-boi-Amazonico desde a década de 1980 e com as atividades de educação ambiental desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa de Mamíferos Aquáticos Amazônicos do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (GPMA-IDSMA) desde 2007 na região do lago Amanã. O modo de respirar e características reprodutivas são geralmente comparadas entre boto-vermelho e o peixe-boi. Esta comparação confirma a capacidade observacional destes pescadores que potencialmente, pode estar associada à necessidade mesmo que pretérita, da caça destes mamíferos.

Para os ribeirinhos, o boto-vermelho respira quando emerge na superfície, igual ao peixe-boi. Todavia, explicam que o boto-vermelho tem apenas um orifício para entrada e saída de ar, enquanto que o peixe-boi tem dois orifícios. De acordo com a literatura, os cetáceos apresentam a fossa nasal localizada dorsalmente, o que os permite respirar facilmente durante o nado (REYNOLDS, *et al.*, 2000, *apud* BARENZI, 2005).

Durante o período reprodutivo, os ribeirinhos citam que vários botos machos ficam aglomerados em volta da fêmea. Comparam aspectos da biologia reprodutiva, como gestação e amamentação do filhote, entre fêmea de boto-vermelho e a fêmea do peixe-boi. Comportamento parental é observado, pois citam que a fêmea de boto pode ser observada com o filhote pequeno. Segundo Best e Silva (1989), aglomerações de botos podem ser observadas em curvas de rios com fins de acasalamento. Existe a hipótese do boto ser poligínico ou promíscuo, e se baseia no tamanho relativamente pequeno do testículo, falta de dimorfismo sexual evidente, disputa de machos pela fêmea em estro e a significativa diferença entre o tamanho e robustez do corpo e do crânio; machos atingem maturidade sexual mais tarde que as fêmeas (SILVA, 2008).

O período de gestação é de 10 a 11 meses, e as fêmeas dão a luz a apenas um único filhote. A lactação pode durar mais de dois anos, sugerindo que o intervalo de nascimentos é de pelo menos três anos (SILVA, 2008).

É difícil entender como populações tradicionais adquirem tantos conhecimentos da biologia reprodutiva de uma espécie sem grande interesse econômico, contudo, não podemos descartar a possibilidade deste conhecimento estar associado ao conjunto de mitos, inclusive relacionados às interações sexuais entre os botos e ribeirinhos, como já relatados por Silva (2000).

O boto-vermelho alimenta-se de peixe, a qualquer hora do dia. Segundo os moradores, quando um pescador está se preparando para arpoar um peixe (peixe-boi ou pirarucu) o boto-vermelho surge, reboja embaixo da canoa do pescador e avisa a situação de perigo ao peixe, que some pelas águas escuras do lago. O boto-vermelho também rouba o peixe da malhadeira e estraga o utensílio de pesca. Esses são uns dos motivos que justificam a relação conflituosa entre os moradores e o animal. Assim, quando preso em uma rede de pesca, este animal pode morrer por afogamento, ou ser morto intencionalmente pelos moradores.

Segundo a literatura, mais de 40 espécies de peixes, tartarugas e caranguejos são utilizados como recurso alimentar pelo boto-vermelho (SILVA, 2008). Durante a estação cheia eles entram na floresta inundada em busca do alimento e durante a seca, podem seguir os cardumes migratórios de caracídeos e bagres rio acima (SILVA, 2008); no caso da região em estudo, na seca os botos permanecem na região mais profunda, o lago Amanã. Pescadores utilizam o boto como indicadores dos locais onde estão os peixes (SILVA, 2008), todavia esta informação não foi obtida durante o estudo com os ribeirinhos do Amanã.

Informações sobre a liberação de botos-vermelho das redes de pesca pelos pescadores foram registradas por Best e Silva (1989) na Amazônia Brasileira e por Leatherwood e Reeves (2003) na Amazônia Peruana. No entanto, no Peru, este fato foi observado com mais frequência em relação ao tucuxi do que com o boto-vermelho (LEATHERWOOD; REEVES, 2003). A morte natural dos botos é pouco conhecida e a mortalidade mais registrada, nos rios Amazonas e Orinoco, ou na Bolívia está relacionada com a pesca, mas não existem estimativas da magnitude das capturas acidentais ou diretas na pescaria (SILVA, 2008).

As estórias, mitos e lendas sobre o boto-vermelho são muito presentes no cotidiano dos ribeirinhos do Amanã. Por “malinar”, perseguir e assustar os moradores e por seduzir as mulheres, a relação dos ribeirinhos com o animal se torna ainda mais conflituosa. O fato de botos encantados perseguirem algumas pessoas, com o intuito de que seu espírito possa utilizar o corpo da pessoa perseguida, intensifica o medo que estes moradores têm em relação a esses animais. As características de que o boto é charmoso, astuto, e capaz de ser transformar em seres humanos estão difundidas por toda a Amazônia, como também a conotação de medo, temor e risco são associados à imagem do animal

(LEATHERWOOD; REEVES, 2003). Entretanto, o medo de que sobre a pessoa que mata um boto pode recair males, doenças e dores de cabeças, pode ser considerado uma proteção a estes animais.

A literatura cita que os índios Siona no Equador tem um tabu contra a caça do boto e que esta proteção virtual está aparentemente difundida por todo país; no Peru, relatos de que os nativos não caçavam boto-vermelho estão associados às superstições e também que estes animais eram pouco molestados pelo colonizadores possivelmente pelos mesmos motivos (LEATHERWOOD; REEVES, 2003). É claro que existe um bom espaço de tempo entre as informações agora apresentadas e as da literatura e isto pode refletir diferenças em relação às informações sobre a morte proposital desta espécie. De qualquer forma, parece conflitante uma população tradicional correr o risco de matar uma entidade que pode enfeitiçar ou atuar espiritualmente sobre os pescadores. Talvez nem todos realmente acreditem nas lendas.

Os moradores não costumam capturar intencionalmente estes animais, já que não utilizam partes do corpo do animal em benefício próprio. Apenas o pênis do animal foi citado por uma única entrevistada como remédio para curar doenças cardíacas e males de crianças. Órgãos secos, como vulva e olhos são vendidos amplamente no mercado nacional, no Peru, e até na França e Espanha, por ter poderes relacionados ao amor (LEATHERWOOD; REEVES, 2003). Best e Silva (1989) reconhecem que o mercado de órgãos de botos relacionados aos poderes sobrenaturais poderiam ocasionar uma mortalidade em massa desses animais e um conseqüente problema de conservação. No entanto, os preços amostrados no mercado de Belém, não seriam para o pescador brasileiro economicamente suficiente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo que foi apresentado, é possível concluir que as populações ribeirinhas por mim estudadas na região do lago Amanã, mesmo que não sendo totalmente descendentes de amazônidas, ainda mantêm fortes as lendas e mitos regionais e, assim como já registrado para pescadores caiçaras do sudeste (OLIVEIRA; MONTEIRO-FILHO, 2006), adquiriram amplo conhecimento de aspectos da biologia de uma espécie, mesmo que sem valor econômico; e que as informações geradas pelos estudos de etnobiologia são precisas e importantes para auxiliar a pesquisa científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, J. **Levantamento dos padrões de uso dos recursos naturais na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã**. Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Tefé, 2005.
- BAREZANI, C. P. **Conhecimento local sobre o botovermelho, *Inia geoffrensis* (de Blainville, 1817), no baixo rio Negro e um estudo de caso de suas interações com humanos**. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – INPA/UFAM, Manaus, 2005.
- ALIAGA-ROSSEL, E. Situación actual del delfín de río (*Inia geoffrensis*) en Bolivia. **Ecología en Bolivia**, v. 38, n. 2, p. 167-177, 2003.
- BERLIN, B. Ethnobiologycal classification: principles of categorization of plants and animals in tradicional societies. **Princeton University Press**, New Jersey, p. 3-101, 1992.
- BEST, R. C.; SILVA, V. M. F. da. Amazon River Dolphin, Boto (*Inia geoffrensis*). **Handbook of Marine Mammals**. VI. 4: River Dolphins and Larger Toothed Whales, p. 1-23, 1989.
- BOTTURA, G.; WHITAKER, V. A.; WHITAKER, D. C. A. Identificação do saber sistêmico de populações do entorno do reservatório de Salto Grande, à respeito dos ecossistemas dessa região. In: **Caderno de resumos/II Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia**. Universidade Federal de São Carlos, SP, p.6, 1998.
- CALVIMONTES, J. **Etnoconocimiento, uso y conservación del manatí amazónico (*Trichechus inunguis*) en la Reserva de Desarrollo Sostenible Amanã, Brasil**. Tesis (Magister Scientiae) Universidad Nacional La Molina, Peru, 2009.
- CARVALHO, A. R. Conhecimento ecológico tradicional no fragmento da planície de inundação do alto rio Paraná. **Acta Scientiarum**, v.24, n. 2, p. 573-580, 2002.
- COSTA-NETO E. M.; MARQUES, J. G. Atividades de pesca desenvolvidas por pescadores da comunidade de Siribinha, Município de Conde, Bahia: uma abordagem etnoecológica. **Sitienbius**, Série Ciências Biológicas, v. 1, n.1, p. 71-78, 2001.
- DIEGUES, A. C. A. etnoconservação da natureza. In: **DIEGUES, A. C. Etnoconservação – novos rumos para proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: USP, 2000.
- INSTITUTO DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DO ESTADO DO AMAZONAS – IPAAM. **Decreto Estadual de Criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã**, nº 19.021 de 4 de agosto de 1998.
- LAMB, F. B The fisherman's porpoise. **Natural History** 63: p. 231-232, 1954.
- LEATHERWOOD, S.; REEVES R. R. Conservacion de los delfines de rio, *Inia geoffrensis* y *Sotalia fluviatilis*, en la Amazonia Peruana. **Manejo de Fauna Silvestre en la Amazonia**, p. 289-299, 2003.

- MARQUES, J. G. **Pescando pescadores: Ciência e Etnociência em uma perspectiva ecológica**. 2. ed. São Paulo: NUPAUB-USP, p. 258, 2001
- MARTIN, A.R.; SILVA, V.M.F.da. River dolphins and flooded forest: seasonal habitat use and sexual segregation of botos (*Inia geoffrensis*) in an extreme cetacean environment. **The Zoological Society of London**, v. 263, p. 295-305, 2004a.
- OLIVEIRA, F.; MONTEIRO-FILHO, E. L. A. Relação entre pescadores e botos da região de Cananéia: olhar e perspectiva caiçara. In: **Enciclopédia Caiçara: festas, lendas e mitos caiçaras**. Volume 5. Ed. Antonio Carlos Diegues. Editora Hucitec – Nupaub-CEC/USP. p. 253-270, 2006.
- PEREIRA, K. J. C. Saber Tradicional, Agricultura E Transformação da Paisagem na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Amazonas. **Revista Uakari**, 2006.
- QUEIROZ, H. Criação da Reserva Amanã: um importante estágio para a consolidação do embrião do corredor central da amazônia. In: **Os Corredores ecológicos das florestas tropicais do Brasil**. Ayres, M. *et al.* Sociedade Civil Mamirauá, 2005.
- SILVA, V.M. F. **Golfinhos da Amazônia**. 1.ed. Manaus: Editora INPA, 2008.
- SILVA, A. F. **O Boto e o Broto** – As nossas Lendas, Contos, Poesias e Anedotas. Porto Velho: Editora ABG, 2ª ed., 2000.
- VIETLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: Amoroso, M. C. M.; Ming, L. C.; Da Silva, P. S. **Métodos de coleta de dados e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPq, p.11- 29, 2002

ANEXO I - Roteiro utilizado nas entrevistas parcialmente estruturadas com ribeirinhos do lago Amanã

Existem quantos tipos de boto no Amanã?

Onde o boto vive?

O boto vive sozinho ou em grupo?

Qual o tamanho do boto?

O boto respira?

Questões sobre comportamento reprodutivo:

Já viu boto-vermelho na vadia?

Como a “bota” tem um filhote?

Já viu fêmea com filhote?

Quantos filhotes ela tem?

Qual alimento do boto-vermelho?

Qual o alimento do filhote?

O boto-vermelho ajuda o pescador?

O peixe-boi é amigo do boto?

É pescado? Matam boto-vermelho pra algum fim?

Percepção local:

Registrar crenças, mitos e histórias sobre o boto-vermelho

ANEXO II - Lendas, crenças e mitos relatados por ribeirinhos do lago Amanã

“Diz que quando dava umas hora da noite aparecia os dois lá na festa, e dançavam e dançavam e botavam pra paquerar as meninas. Eram bem parecido, bem vestido. Quando o dia começava a querer clarear procuravam os dois rapaz e já era. Num aparecia mais, e não sabia prá onde que iam, de onde que vinham. Eram bem alto, branco, loro, usava chapéu. Eu sei que eles tavam bem acostumado a fazer isso. Eu sei que numa festa eles começaram a beber, e beber, e quando foi na hora de ir embora tinha um que tava muito bêbado. Aí um conseguiu cair na água e o outro não conseguiu porque vinha muito bêbado. Aí diz que caiu uma parte só em água e a outra parte ficou em terra. Aí o dia amanheceu e a parte que ficou pra terra ficou gente, e a parte que caiu em água ficou boto.”

“La na Várzea Alegre tinha um espinheirão que agora caiu. Ele ia saindo umas três hora da madrugada lá pro lago e ele viu lá no toco daquele espinheiro duas pessoa. E de vez em quando ele mudou a vista um poco e escutou só aquele barulhão dentro d’agua, “tipei, tipei”, todos dois. E num demorou boiou lá na frente “ berrr, berrrr”. E eles num viu mais as duas pessoas de branco. O boto sobe em terra e se transforma em gente. Por isso que eu tenho medo de boto.”

“Uma sobrinha minha, filha do meu primo, a mais velha. Foram aí pra dentro desse Castanho a família toda. Eu sei que ele foi-se embora colocar a malhadeira e ela ficou no batelão. Num demorou, quando ela num deu fé, diz que chegou um homem lá. Branco, dizendo pra ela arrumar a garrafa de cachaça que o pai dela tinha mandado. Ai ela disse – “mas num tem não”. E o homem branco falou –“Tem. Taí debaixo do estrado”. Aí diz que a menina suspendeu a tauba; lá estava a garrafa de cachaça. Aí ela pegou e entregou pra ele. Ele foi embora. Ela ficou espiano, quando ela deu fé, a canoa do homem tinha sumido. Quando ela espiou bem boiou um boto lá na frente com a garrafa de cachaça na boca. Mas deu uma dor de cabeça nessa menina, uma febre que quase que ela morria. Quando o pai dela chegou ela disse pra ele e ele falou que num tinha mandado ninguém atrás de cachaça lá não.”

“Cê já ouviu falar dessas pessoas que diz que pega espírito? Pois é, isso aí tem a vê com esse negócio de boto, porque eu já vi muita gente com esse negócio de espírito e é esse boto-vermelho aí que tem alguma coisa. Essas mulher ficava tudo doida e eu queria que cê visse os boto que ficavam boiando no rio. Tudo doido, pareciam que queria subir pra terra. Tem um espírito lá na Várzea Alegre que até o nome dele era Cachacinha. E era um boto. E teve um dia que aparece o irmão dela e arpoou ele, mas errou. Quando foi de noite ela invocou esse espírito e ai disse: “Ê, quase que tu me arpoa hoje né.”

“Que boto diz que vinha, canoada de gente, que entrava dentro desse lago, que vinha num converseiro, aí quando num demorava caia tudo n’água, quando boiava tudo era boto. Minha tia contava um causo, que um boto namorou uma menina e ela engravidou. Quase morreu. E o menino vinha com chapéu na cabeça, era muito bonito. Aí quando a mãe dela ia chegando ele ia embora. “Ah mamãe, é que eu to com dor de cabeça”. Começou a ficar amarela, pálida. Perguntava o que ela tinha e nada, nada. Não, tá acontecendo alguma coisa. Mas ela num contava não. Procuraram tratar dela e ela num queria. Aí viram ela tava grávida, olha. Isso é causo que contaram o povo da antiguidade. Num demorou, a mãe dela viu aquele rapaiz lá na beira d’água, e vinha pra beira. Depois sumia, ia lá pra água. Aí a mãe dela, percebeu que ela tava namorando o boto. Ele subia em terra, passava lá umas hora com ela e depois ia pra água. Aí teve um dia, quando ele [o boto] entrou dentro de casa, o velho, pai da menina, tinha ficado olhando, escondido. Aí quando o velho entrou ele [o boto] fugiu, e o velho pegou o terçado e correu atrás dele. E ela ficou revoltada, diz que ela num largava dele de jeito nenhum. Aí diz que ela foi ficando amarela, pálida, pálida, e morreu com um bucho dum tamanho. Num chegou a ter filho não. Era isso que era o medo do pessoal né.”

“E diz que o “prego” [órgão reprodutor] do boto é remédio. Rapaz já vi falar que pra essa doença que dá derrame, essas coisas. A gente tira, bota pra secar bem sequinho, queima e faz o chá pra pessoa tomar. Diz que a pessoa que sofre de pressão alta toma e melhora.”

“No tempo que eu cortava seringa, saía de noite. Ai morava um rapaz comigo que aliás ele me ajudou a matar um boto. Aí foi uma hora da madrugada nos toquemo pra mata.Fumbora. Eu ia pra esse lado e ele ia la pro lado onde nos tinha deixado o boto, pegava o caminho e ia embora pra casa dele.Quando eu fechei o corte de manhã, eu tava em casa. Ele disse rapaz, vou lhe dizer uma coisa, deixe de ta matando boto porquê ele vai te assombrar.Porquê diz que o boto encantado não é boto peixe. Às vezes o cara pensa que ta lidando com uma coisa e se dá mal. Não é todo que é mau não. Esse aí que mexe na malhadeira, esse é boto peixe mermo.O boto encantando num faz isso. Só sei que o rapaz quase se assombra. Diz ele que andou um pedaço, num conseguiu ir pra frente não e voltou. Diz ele que ele ia andando assim e aquele negócio ia pisando todo o tempo atrás dele. E ai que chegava na seringueira pra ele cortar e na vista dele tava aquele botão todo o tempo.Coitado. Eu sei que ele teve um medo danado e voltou. Ai ele disse, rapaz deixe de ta matando que isso é bicho assombrado.”

“Quando foi uma vez, eu cheguei na casa do papai, ele chamou, “Caboca”, que ele só chamava pra mim de caboca. “Você repara aí, qualquer hora que chegá gente aí você me chama que eu quero sair prá encontrar lá fora”. O luar bonito, mermo que dia. Aí eu botei minha cabeça do lado de fora assim do mosqueteiro, cruzei o braço e fiquei assim. Aí escutei aquela canoa vindo, cheia de gente “gum bac, gum bac”. “Papai, lá vem gente”. Aí ele levantou, escutou, e disse “É mermo. A hora que pará lá na beira tu me chama”. Aí eu espiano. Lá vinha subindo dois homens. Um vinha com a camisa no ombro, o outro vinha sem camisa. Lhe juro como eu tava vendo como eu to vendo vocês aqui. Aí eu chamei papai. No porto do papai, subia um barranco e descia a ladeira pra subir no terreiro. Aí quando chega no barranco, aquele que tava com camisa, desce, volta pra trás e aquele que tava sem camisa desce a ladeira pra subir no terreiro. Quando ele desceu a ladeira eu chamei “Papai, papai, lá vem”. Aí ele pegou a lamparina, que naquele tempo a gente chamava poronga. No que ele sai no terreiro os cachorros partem daqui pra lá ó. Mordiam, mordiam assim nos pés dele e ele alumiava e num via nada. Aí saiu no rumo da beira d’água. Quando ele chegou na beira d’água, diz ele que viu foi boiar dois boto.”

“O finado meu pai contava que lá onde eles moravam, eles [botos] jogava bola na praia de noite, que você jurava que era gente. Os botos. Aquele azueiro na praia, “Óia lá!” - aquela multidão de gente que jogava bola que quando vê só era “tibêi! tibêi! tibêi!”. Num demorava boiava lá na frente. A finada minha vó, mãe do papai, também contava essa arrumação.”

“Filho de boto, eu teve um negócio assim da formatura dum boto, e até essa minha cunhada que mora lá em Tefé conta. Era tudinho, tudinho, tudinho, igual um boto, tinha um palmo. Eu tava lá em Tefé, e foi ela com a minha sogra que foram minha parteira e insistiram comigo de desistir de ter isso. Eu teve esse negócio. Tinha um palmo assim. Tudinho o que um boto tem, asa que o boto tem, rabo, bico, tudinho da formatura de um boto. Uma vez aconteceu isso, só que saiu três coisa dessa só numa hora. Um assim era duma formatura duma arraia. Tinha esporão, aquele rabo que a arraia tem, tudo, tudo. Quase morro. Num chegou a nove meses, só que meu bucho num crescia. Antes de interar nove mês eu tive. Foi a arraia, esse boto, e o outro era uma bola. Agonieei a noite todinha, perdendo sangue e tudo. Até disseram que era essa tal arrumação, diz que quem anda menstruada diz que o boto faz isso. Sei lá. E isso mexia, mexia dentro [no bucho] e fora. Fizeram que enterraram. Enterraram vivo, que num era criança, num era nada né. Não sei saber se é boto ou bota não, mas diz que persegue mais as mulher é o boto, e os homens é a bota.”

“Aqui teve um tempo, dizem que existia um tal de encante, que tinha uma ilha alta, madeira mermo forte, piranheira, toda essas madeira forte. Se acabou essa ilha quem acabou com ela foi os megulhão. Porque era mergulhão, mergulhão, todo ano, todo ano, até que mataram os pau. Aí virou esse embaubal aí. Diziam os mentirosos, que existia esse negócio de encante, que existe, eu num sei. Que essa ilha aqui, era um encante. Isso aqui era uma vila, vila Guarajó. Isso tudo era terra, diz que foi cercado, e tinha encante e morava ai os encantados. Agora, da até pra desconfiar, que os boto fazia uma festa aqui nessa beira, que umas quatro vezes eu ainda vi: aqueles boto ficavam tudo de bubuia, mas era boto, que os boto desse Amanã entravam quase tudo aqui dentro nesse lago, ficavam tudo de bubuia.”